

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 12, número 2 (2021)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## BBB-2021 e as Representações de Machismo, Racismo, Xenofobia e LGBTQfobia

*BBB-2021 y las Representaciones del Machismo,  
Racismo, Xenofobia y LGBTQfobia*

*Bbb-2021 and Representations of Machismo, Racism,  
Xenophobia and LGBTQphobia*

**Valdenia Guimarães e Silva Menegon**  
Prefeitura Municipal de Caxias – Brasil  
valdeniasilvas@gmail.com

**Geyciele Quezia Dourado**  
UNEGRO - Caxias-MA - Brasil  
queziadourado6@gmail.com

**Iasmin Talita Abreu Barros**  
UNEGRO - Caxias-MA - Brasil  
iasmintabarros@gmail.com

**Lígia Emanuela Costa Alves**  
UNEGRO - Caxias-MA - Brasil  
manuvandel@gmail.com

Como citar este artigo:

MENEGON, Valdenia Guimarães e Silva;  
DOURADO, Geyciele Quezia; BARROS, Iasmin  
Talita Abreu; ALVES, Lígia Emanuela Costa, BBB-  
2021 e as Representações de Machismo, Racismo,  
Xenofobia e LGBTQfobia. **Revista Latino  
Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 2, p.  
116-129, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:  
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# BBB-2021 e as Representações de Machismo, Racismo, Xenofobia e LGBTQfobia

*BBB-2021 y las Representaciones del Machismo, Racismo, Xenofobia y LGBTQfobia*

*Bbb-2021 and Representations of Machismo, Racism, Xenophobia and LGBTQphobia*

## Resumo

O texto faz uma análise das representações em torno da participação de negros e negras na 21ª edição do *Big Brother Brasil*. O objetivo é analisar o impacto racial/social das representações negras nas mídias e de que modo as falas e atitudes destes participantes impactaram de forma negativa a compreensão sobre xenofobia, racismo, feminismo, gênero, sexualidade e militância. Trata-se de uma revisão de literatura alinhada à área das Geografias feministas, percebendo como as atitudes de mulheres negras foram muito mais criticadas do que de outros participantes e como a efervescente “cultura do cancelamento” foi utilizada. Analisa-se ainda a exacerbação do racismo em várias manifestações de internautas durante o programa. As falas de participantes negros acabaram sedimentando no imaginário popular, ideias extremamente perigosas, envolvendo xenofobia, racismo, assédio, violência psicológica, LGTBfobia e desrespeito às religiões de matrizes africanas.

Palavras-Chave: Big Brother Brasil; Machismo; Racismo; Xenofobia; LGBTQfobia.

## Resumen

El presente texto analiza las representaciones en torno a la participación de hombres y mujeres negras en la XXI edición del programa televisivo Big Brother Brasil. El objetivo es analizar el impacto racial y social de las representaciones negras en los medios y cómo los discursos y actitudes de estos participantes impactaron negativamente en la comprensión de la xenofobia, el racismo, el feminismo, la sexualidad y la militancia. Se trata de una revisión de la literatura alineada al análisis documental, que analiza los discursos de los participantes e internautas, la “cultura de la cancelación” y la exacerbación del racismo en las diversas manifestaciones de los internautas durante la emisión del programa. Los discursos de los participantes negros terminaron sedimentando ideas extremadamente peligrosas del imaginario popular, involucrando xenofobia, racismo, acoso, violencia psicológica, LGTBfobia y falta de respeto a las religiones de origen africana.

Palabras-Clave: Big Brother Brasil; Chauvinismo; Racismo; Xenofobia; LGBTQfobia.

## Abstract

The text analyzes the representations surrounding the participation of black men and women in the 21st edition of Big Brother Brazil. The objective is to analyze the racial/ social impact of black representations in the media and how these participants' speeches and attitudes negatively impacted the understanding of xenophobia, racism, feminism, sexuality and activism. This is a literature review in line with document analysis, which analyzes the speeches of participants and Internet users, the “culture of cancellation” and the exacerbation of racism in various Internet users' manifestations during the program. The black participants' speeches ended up reinforcing extremely dangerous ideas in the popular imagination, involving xenophobia, racism, harassment, psychological violence, LGTBphobia and disrespect for religions of African origin.

Keywords: Big Brother Brazil; Machismo; Racism; Xenophobia; LGBTQphobia.

**Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado,  
Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves**



## Introdução

Entre outras questões de ordem econômica, de saúde e política, os meses de março a maio de 2021 foram, sobretudo, marcados pelas expectativas em relação ao Big Brother Brasil (BBB). A sociedade brasileira ficou completamente atenta, vinte e quatro horas por dia, aos comportamentos emitidos pelos participantes do maior reality show do país. O Programa ganhou índices estratosféricos de audiência, além de alcançar um lucro elevadíssimo, comparado às edições anteriores.

Há quem diga que, por onde passava, só se ouvia falar sobre o BBB e os participantes tão polêmicos. As brigas homéricas, as opiniões que chocavam o público e as contradições próprias da humanidade que ganhavam a atenção do público de uma forma nunca vista na televisão brasileira. Os desgostos diante das posturas apresentadas por alguns participantes chamaram a atenção logo nas primeiras semanas, momentos em que os grupos e duplas formaram-se, o que provocou a exclusão de alguns dentro da Casa.

Geopoliticamente, o presente artigo, se insere nos debates acerca da questão racial, trazendo a discussão sobre as representações em torno da participação de negros e negras na 21ª edição do *Big Brother Brasil*. O objetivo é analisar o impacto racial/social das representações negras nas mídias brasileiras e de que modo as falas e atitudes destes participantes impactaram de forma negativa a compreensão sobre xenofobia, racismo, gênero, feminismo, sexualidade e militância.

Tendo uma mídia extremamente racializada, programas como o *Big Brother Brasil* não parecerem ser territórios que possam ser ocupados por negros e negras, ainda mais em se tratando de mulheres negras e que se colocaram como militantes do movimento negros e feministas como foi o caso de Lumena Aleluia e Karol Concá.

Utilizou-se como arcabouço teórico o conceito de geografias feministas, cuja compreensão perpassa pela ideia central de que corpos possuem “formas, tamanho e desempenham ações” (Joseli Silva et al, 2015), ocupando, portanto, um espaço, um território. Corpos de homens e mulheres negros são, assim como os outros corpos, detentores de massa e, necessariamente ocupam lugar no espaço. O que precisamos saber é quais são os espaços destinados a negros e negras nesses territórios colonizados.

A abordagem das geografias feministas tem o objetivo de tratar as perspectivas do feminismo não apenas a partir do aspecto biológico, mas dos marcadores sociais do corpo. Essa literatura tem um imenso potencial para ampliar a compreensão do conhecimento sobre o poder e as relações sociais entre pessoas e lugares.

Entre a primeira e a segunda semana, parecia que “vilões” e “mocinhos” já haviam sido definidos pelo público, devido às falas e atitudes violentas, não do ponto de vista físico, mas psicológico, que alguns participantes empreenderam. Logo nas primeiras semanas, chamou bastante atenção as atitudes tomadas por um dos participantes. Lucas Penteado, jovem negro, morador da periferia de São Paulo (espaço geográfico que por sua história, já tende a gerar preconceitos e discriminações) e militante do movimento estudantil, transparecia não estar bem psicologicamente, mesmo assim alguns membros

da casa estavam sendo acusados de não terem empatia ou de não ofertarem apoio e afeto no momento em que uma pessoa, visivelmente, demonstrava-se mentalmente frágil.

Os *realitys* são conhecidos como uma das arenas da pós-modernidade, onde corpos humanos são expostos para o entretenimento do público, sendo considerados por muitos como uma espécie de celebração ao que existe de mais medíocre no campo da diversão televisiva. As pessoas que mais se deixam aparecer e conhecer, que emitem suas opiniões sobre assuntos polêmicos ou expõem seus corpos e sexualidade podem cair no gosto do público ou ainda passar pelo processo do cancelamento.

Marion Minerbo (2007, p. 153 - 154) nos explica que:

O BBB dispensa maiores apresentações: mesmo quem nunca assistiu, tem uma ideia do que se trata. O programa se estrutura em torno de um suspense e da participação do público, que vota semanalmente em quem será excluído, ou melhor, em quem irá para o paredão. Para que o público possa votar, a atuação dos participantes no dia-a-dia do programa é decisiva. Aparentemente, estão apenas conversando, namorando, fazendo ginástica, indo a festas. Mas nós (e eles) sabemos que estão se digladiando para eliminar os outros e vencer. Fazem alianças, traem, simulam, dissimulam, enfim, tentam agradar os eleitores. É tudo ou nada: ou a celebridade instantânea, ou a volta ao anonimato que, na sociedade do espetáculo, é, simbolicamente, o mesmo que morrer.

O BBB é um recurso inserido no campo da cultura midiática que visa refletir uma representação da realidade ou melhor, daquilo que as pessoas pensam e a forma como reagem diante de determinadas situações em meio ao confinamento com outros indivíduos desconhecidos, ou que não eram do seu convívio. Trata-se ainda de um grande investimento da indústria midiática no Brasil, pois os lucros têm se apresentado de maneira exorbitante.

A edição de 2021 foi profundamente marcada pelas manifestações de pensamentos conservadores, elitistas e supremacistas impetrados em pleno horário nobre da televisão brasileira. Falas bifóbicas, racistas, machistas e xenófobas apareceram e tiveram forte repercussão diante do público. A edição do reality mais comentado do Brasil gerou ao longo da sua exibição um enorme desconforto e desgaste mental, entre outros graves problemas.

Se em versões anteriores, negros e negras se destacaram por suas manifestações antirracistas, feministas ou ainda colocando no horário nobre da televisão brasileira a cultura da periferia, ou o caso de Thelminha – a vencedora da versão 2020 – que provou que uma mulher negra pode galgar espaços geralmente exercidos por pessoas brancas, como o curso de medicina; a edição 2021 do BBB trouxe uma diversidade de negros, que, inicialmente, deixou a todos com a sensação de que a mídia brasileira estava abrindo seus espaços para uma maior participação negra.

A entrada de oito participantes negros e alguns nordestinos na edição 2021 do BBB ocasionou manifestações positivas por parte da comunidade, além de uma expectativa de uma maior diversidade. Porém, logo em seguida, toda a suposta diversidade apresentada, tornou-se a amostra de discursos, que

variavam entre assédio, xenofobia, lgbtfobia, violência psicológica disfarçada de humor e racismo na forma mais crua, realizados por participantes brancos e negros. Mas as atitudes praticadas pelos participantes negros, tiveram uma repercussão bem maior do que as dos participantes brancos.

Alguns intelectuais brasileiros têm defendido que é bobagem perder tempo falando sobre o Programa, que deveríamos estar ligados ao que acontece na política; como por exemplo: a eleição para à presidência da Câmara em que o candidato da ala mais conservadora levou a melhor, ou ainda a votação para a autonomia do Banco Central, entre outros. O grande problema é que o programa *Big Brother Brasil*, com a variedade de pessoas que participam e as situações que eles protagonizam, acaba promovendo discussões de cunho político e social, que influenciam e interferem no comportamento das pessoas que acompanham, principalmente nesse contexto das redes sociais.

A última edição reforçou estereótipos relacionados à população negra de uma forma extremamente perigosa e, o que é pior, feita também por negros. Em poucos meses foi possível verificar xenofobia, racismo escancarado, assédio, violência psicológica, LGTBfobia e desrespeito às religiões de matrizes africanas.

O que mais provoca temor é que os discursos ali tratados, sedimentam no imaginário popular, determinadas ideias violentas e perigosas. Foi assim, de modo bem sutil, que as ideias mais perversas foram colocadas em práticas, em várias partes do mundo em momentos distintos da história, justificando tráfico de pessoas, escravidão, torturas e mortes.

Ao mesmo tempo, é preciso questionar por que uma pessoa preta, agindo da mesma forma que uma pessoa branca, gera mais incômodo, ranço e cancelamento coletivo? Por que pessoas pretas não podem ter estratégias de fortalecimento entre os seus? Por que gente preta não pode estar em evidência? Por que gente preta não pode falar alto, berrar, gritar e chorar até dormir? Por que gente preta não tem o direito de errar? Por que gente preta não tem o direito de apontar o racismo, o sexismo, o machismo, a homofobia e todas as práticas do mundo ocidental? Por que o adoecimento mental de uma pessoa preta causa tanta revolta? Por que quando uma pessoa preta erra e mais especificamente, quando uma mulher preta erra, ela é muito mais cobrada do que um indivíduo branco?

De acordo com Carra (2019), o reality possui características específicas e que mexem com o físico e o psicológico das pessoas, já que a espetacularização é própria da sua lógica e sua dinâmica, muitas vezes causam a exaustão dos confinados.

Thales Carra (2019, p. 215) nos explica que:

O Big Brother Brasil é um entretenimento espetacular que tem como um de seus objetivos a satisfação de desejos sádicos. A prática da tortura física e psicológica é um elemento-chave de sucesso do programa. O longo confinamento, a falta de privacidade, a criação de conflitos, a vigilância constante e a ameaça de eliminação fazem parte da estrutura do modelo proposto ao reality show. Somam-se a isso os desafios, por vezes humilhantes e desgastantes, aos quais os participantes são submetidos rotineiramente.

Com a edição 21 do BBB, percebe-se que é preciso analisar o quanto a opinião dos internautas e a “cultura do cancelamento” podem estar sendo usadas para exprimir - além de outros tipos de discriminações - racismo disfarçado de opinião. O que era para ser um “movimento” contra atitudes e posicionamentos errados, preconceituosos e medíocres, ganhou um teor totalmente oposto, possibilitando que anônimos e não-anônimos se aproveitem do espaço virtual para disseminar discursos de ódio e ridicularização.

Enquanto isso, pessoas brancas que impetram os mesmos comportamentos são desculpadas, com a ideia de que não fizeram por mal ou que foram mal interpretadas. Pessoas brancas são menos canceladas que pessoas pretas, mesmo com atitudes tão ou mais reprováveis do que as cometidas por pessoas negras no programa.

Uma das participantes que mais causou polêmica no BBB 21 foi Lumena Aleluia - psicóloga negra, mulher lésbica, nordestina, participante do movimento negro e que foi considerada pelo público, uma das pessoas mais chatas que já participaram de todas as edições do Programa. Ao utilizar por algumas vezes a frase “Eu não autorizo” quando era contrariada, a expressão acabou tornando-se um *meme* da edição. Na internet, empresas e pessoas passaram a usar o jargão “Lumena autorizou?” ou “Lumena autorizou”.

*Meme* é um termo derivado do grego que significa “imitação” e que atualmente é bastante usado nas mídias e redes sociais quando algo ocorre e viraliza na internet, pode ser um vídeo, imagem, fala, entre outros elementos que se espalham de maneira rápida entre os internautas. O cancelamento enfrentado por Lumena Aleluia a colocou como uma das vilãs da edição, já que o público a considerou sem empatia diante da situação de Lucas, além de ser considerada agressiva pela forma que travava suas conversas e confusões ao reivindicar algumas questões da militância. Ela também foi acusada de usar um linguajar extremamente acadêmico e que dificultava a comunicação.

Quando comparamos ações e formas de se expressar entre pessoas pretas e brancas, é possível verificar que militantes brancas, como Manu Gavassi da Edição 20 do BBB, foi denominada de “fada sensata” ao trazer para o debate a pauta feminista liberal. Por outro lado, pessoas brancas que surtam em rede nacional, quebram objetos e choram sem parar (como já ocorreu no Reality), são compreendidas como “tadinhas, tem *borderline*”, onde telespectadores vasculham seu histórico mental até comprovarem seu diagnóstico.

Por outro lado, casos como o de quando Karol Conká que falou em tom de desprezo sobre o sotaque e a forma de se expressar da participante Juliette Freire, iniciou-se um dos processos de maior cancelamento da história da mídia brasileira. Karol foi alvo de ataques que chegaram até seus familiares e atingiu sua carreira através de notícias (que não foram comprovadas) sobre quebra de contrato entre empresas e a artista. Ela também foi vítima de ataques racistas. O que impressionou no caso de Karol Conká foi a unanimidade de sua rejeição: ela saiu do programa com o maior índice de rejeição da história, 99,17% de rejeição. Parecia não existir alguém para questionar até que ponto a reação às atitudes dela dentro do Programa era proporcional ao erro por ela cometido.

Ao sair do Programa, a Rede Globo teve que providenciar segurança e hotel privado para que a artista não sofresse alguma agressão física. A espera pela sua saída foi alimentada por vários setores da sociedade; políticos, movimentos

Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geicyele Quezia Dourado,  
Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves

sociais, artistas, *digital influencer*, artistas e até jornalistas e repórteres da própria rede Globo de televisão. A rejeição de Karol ocorreu devido a uma série de atitudes que mostraram um traço de personalidade que surpreendeu até mesmo os fãs.

Relevante observar que Conká representa uma imagem que o brasileiro "conversador" rejeita, com um estilo próprio e exaltação da sua identidade preta. Mas foi, principalmente, os ataques às diversas pessoas dentro da Casa que alimentou essa vontade que ela deixasse o programa, chegando a essa porcentagem recorde.

Karol Conká se tornou alvo não apenas de indignação por sua participação turbulenta no BBB, mas também pelas suas características físicas. Em vídeo que circulou nas redes sociais, foi possível ouvir entre a gritaria do pós-eliminação, um sonoro, "macaca". Já se sabe que erros cometidos por pessoas brancas são encarados de forma diferente na mídia brasileira. Isto não difere da vida real.

O que queremos dizer é que muitas pessoas justificaram seus sentimentos negativos diante da atitude de Karol Conká, como uma espécie de direito de agir com ela da mesma forma que ela agiu com outras pessoas na Casa. Pessoas passaram a se sentir habilitadas a expressar seu racismo e a tentar desumanizar outras pessoas pretas ao denominar outras mulheres negras como uma "Karol Conká". As atitudes da população diante de Conká, também alerta para uma outra característica da sociedade brasileira: a misoginia e o machismo existente em uma sociedade patriarcal.

Para Joseli Maria Silva (2009, p. 33), o patriarcado é compreendido como:

[...] um sistema de relações hierarquizadas no qual os seres humanos detêm poderes desiguais, com a supremacia da autoridade masculina sobre a feminina em diversos aspectos da vida social, abrangendo desde os sistemas econômicos e sistemas jurídico-institucionais até os regimes cotidianos do exercício da sexualidade.

Houve um proveito enorme do uso da imagem de Karol Conká para destilar veneno contra as mulheres pretas, parecendo que aquele ali não era o espaço destinado a elas. Mulher negra, periférica, com uma forte identidade de independência e empoderamento reforçou a ideia de mulheres negras agressivas, descontroladas, sentimentos tão comuns e disseminados como características de mulheres negras.

Os dois casos apresentados, envolvendo mulheres que se auto intitulam feministas, demonstra que a depender das características fenotípicas, as respostas da sociedade podem ser diferentes. Lumena Aleluia ao se colocar como feminista e oriunda do movimento negro e lésbica, com forte sotaque regional, trouxe para si mesma a alcunha de militante cansativa. Já Karol Conká, pelos próprios caminhos tomados dentro do Programa, acabou por se perder, porém, não se pode negar que a racialização do seu corpo, definiu também as reações que o público teve diante de suas variadas polêmicas.

Por outro lado, pautas feministas alavancadas por Manu Gavassi na Edição 20 do Programa, e que por vezes, poderiam também ser tomadas como cansativas, acabaram por serem aceitas por uma parte significativa do público.

O que se procura elucidar é que, a partir de uma análise geográfica do feminismo, não se pode desconsiderar que corpos femininos, não podem ser vistos como homogêneos, eles possuem identidades próprias que passam pelo lugar de origem, a racialização ou não que os cercam e os padrões estéticos que predominam em um país colonizado como o Brasil.

Vale lembrar que os aspectos que envolvem os estudos feministas não dizem respeito, apenas, às questões biológicas ou econômicas. Precisa-se também levar em conta uma abordagem geográfica do feminismo. Dentro desse campo, estabelece-se um interesse para analisar a emergência do corpo como uma abordagem na geografia. Em um dos eixos tratados por Kirsten Simonsen (2000) no periódico *Transactions of the Institute of British Geographers*, é abordada a necessidade de reconhecer as diferenças e as relações de poder corporificadas, ligadas à sexualidade, racialidade e origem étnica.

O segundo eixo proposto por Simonsen (2000) nos mostra que:

A cultura dominante classifica e rotula valores e significados em torno de minorias étnicas, idosos, mulheres, negros, homossexuais, deficientes físicos, obesos, sempre considerados 'outros'. Os grupos dos 'outros' são definidos por seus corpos e normas sociais que os designam de formas degradantes como desviantes, impuros, feios, repugnantes, doentes, fora de ordem. Ao aprisionar o 'outro' em seu corpo, os grupos dominantes (tendo como referente, o homem, branco, ocidental) estão aptos a tomar sua posição como sujeitos desincorporados, sem marcas, porque se constituem na referência positiva em que todos os demais são comparados. Essa abordagem tem evidenciado os espaços de dominação e de possibilidades de apropriação espacial por meio de lutas e movimentos para reconhecimento social. (SILVA *et al*, 2013, p. 70)

O que difere a atuação feminista entre as mulheres do BBB21 e as mulheres do BBB20 é a cor desses corpos. Karol Conka e Lumena Aleluia, por serem mulheres negras, passam a fazer parte desses grupos dos 'outros' citados acima, portanto, toda a atuação e existência dessas mulheres passa a ser questionada.

Lucas Penteado, que através de um áudio vazado, foi acusado pela direção do Programa de ser uma pessoa com problemas com álcool e que este se tornava um monstro quando consumia bebida alcoólica, enquanto que em edições anteriores, pessoas brancas chegaram a urinar pela Casa, após o consumo excessivo de álcool, mas não tiveram seus nomes vinculados a um problema ocasionado pelo uso de substância etílica.

O que parece é que atitudes equivocadas, tomadas por pessoas pretas, são muito mais escancaradas e que os impactos negativos gerados pelos erros destes participantes negros são impossíveis de perdão, não há um caminho para a reflexão, reconhecimento do erro e o direito à mudança de atitude. Por outro lado, falas e expressões racistas, de pessoas brancas são entendidas como falta de conhecimento, como é o caso da participante Vih Tube que ao querer acusar Juliette Freire de invejosa, disse que a participante tinha uma "invejinha branca".

Daí nos vem o questionamento: inveja tem cor? O que significa inveja branca?" No trato sobre racismo velado, este é um dos primeiros exemplos que pode ser utilizado. O que se percebe é uma sociedade fortemente racializada,

onde a linguagem é um elemento crucial para a sua disseminação. A ideia da "inveja branca" possui a conotação de que ter inveja não é exatamente ruim. Ruim é se a inveja for preta.

Associar o preto a tudo o que é ruim é muito comum na nossa sociedade. Foi o que ocorreu no episódio em que o cantor Rodolfo Mathaus fez uma comparação entre a peruca da fantasia de homem das cavernas que ele usava com o cabelo do outro participante, o professor negro, João Luís. Sabe-se que a situação é mais grave do a fala de Rodolfo, mas está incutida na própria forma como o Programa caracteriza o "homem das cavernas", retratando o perfil de um homem negro.

Os saberes, a estética, a linguagem, a música, as crenças, tudo que vem do preto, na nossa sociedade, está associado àquilo que devemos evitar. Na lógica da "inveja branca", ruim não é ser invejoso, contanto que sua inveja seja branca, o que leva à crença falaciosa de um sentimento mais brando, que não é feito com maldade.

Agora, se for inveja negativa, ela tende a ser encarada como negra, escura, ruim. A lógica é que a pessoa pode cobiçar tudo o que o outro possui, sem peso na consciência, porque a inveja é branca e se for branco para esta sociedade, está tudo bem.

Outro exemplo interessante e que revela a estrutura racial no Brasil ocorreu também logo nas primeiras semanas, quando o participante, Gilberto Nogueira, o Gil do Vigor, comentou sobre como um dos *brothers*, o cantor sertanejo, Rodolfo, não ficava nos mesmos espaços em que Gil estava. Ele comentou: "é só eu chegar que ele sai". Gilberto não precisou dizer do que se tratava, mas aqui fora algumas pessoas começaram a discutir se esse não era um comportamento homofóbico do participante Rodolfo, já que Gilberto havia se declarado homossexual.

Diferente das atitudes de Karol Conká, do cantor Projota e dos demais participantes pretos da edição, as atitudes e falas do Rodolfo nunca repercutiram de maneira tão negativa aqui fora. Inclusive a música do sertanejo passou boa parte entre as mais ouvidas nas plataformas musicais, durante e depois da sua participação na casa.

Enquanto a participação da Karol Conká foi marcada pelo cancelamento, a equipe falava dos milhões que a cantora poderia perder após a saída do programa, outros participantes brancos que tiveram atitudes reprováveis, não sentiram as dores do cancelamento.

A participante Sarah Andrade, uma mulher branca, comentou dentro do programa, que frequentava festas em meio à pandemia e completou que "eu não sentia nada", falando sobre o sofrimento que a Covid-19 causa a milhares de pessoas e famílias brasileiras. Fez piada sobre o uso da máscara (que é uma das principais recomendações da Organização Mundial de Saúde - OMS para a não disseminação do vírus). Ainda assim, a participante não parou de ganhar seguidores nas suas redes sociais.

Outra polêmica causada pelo BBB21 foi o caso envolvendo as participantes Lumena Aleluia, Carla Diaz e o vereador trans por São Paulo, Thammy Miranda. Este último, ameaçou processar a participante Lumena Aleluia (uma mulher negra) por racismo reverso, supostamente cometido contra a outra participante do reality, Carla Diaz (uma mulher branca).

O racismo se trata de um sistema de poder e opressão que se baseia nas características físicas das pessoas para justificar exploração, opressão, segregação, escravidão e morte. Sendo um sistema de poder, ele está além do preconceito e da discriminação e se baseia na lógica da branquitude, isto é, a estrutura de poder que garante privilégios às pessoas brancas.

De acordo com Frantz Fanon (2008), os brancos criaram os negros (no sentido de negatizar suas características físicas e culturais) e os negros criaram a negritude - que em hipótese alguma trata-se de um sistema de poder, mas de reconhecimento da sua ancestralidade, história, cultura e estética.

Feito estas considerações, é impossível afirmar que existe racismo reverso ou racismo contra brancos, pois negros não estão no poder, não exercem as estruturas de poder, não comandam o estado, não dominam as culturas alheias. Não existe uma supremacia negra, existe sim uma supremacia branca que movimenta toda a sociedade.

É uma estrutura tão forte que perpassa toda a nossa existência. Está na família, na religião, na escola, na justiça, na mídia, na economia, na política e nos afetos. Às vezes, parece chato, mas, é preciso perguntar: "existe racismo em tudo?". Infelizmente sim. Nossa sociedade é racializada. Precisamos analisar sobre esta realidade e parar para pensar até que ponto contribuimos para isto. Inclusive as diversas posturas de brancos e negros diante do que ocorre no BBB, é resultado da estrutura que nos domina.

Diante dos exemplos acima expostos, é necessário afirmar que ao longo dos anos, pessoas pretas têm sido deixadas de fora de diversos processos sociais, econômicos e políticos importantes, de espaços de poder decisivos na sociedade. Tudo isso acontece em nome da colonialidade sustentada pelo racismo através da branquitude.

O racismo, sustentado desde o processo de colonização no Brasil oferece às pessoas pretas apenas um caminho de via única, esse caminho reserva aos corpos pretos a exclusão, o desprezo, a morte, a pobreza e o embranquecimento, muitas vezes forçado de nossa estética e cultura.

Ao tempo que fecham os olhos para as barbáries cometidas diariamente, querem moldar nossa postura e ter o direito de decidir nossa sentença. Parece não que não há nenhum rompimento com o passado que escravizou povos negros e indígenas, mas sim, os condenar e submeter ao projeto moderno colonial.

Existe uma discussão, mesmo antes dessa edição, que os participantes que são excluídos dentro da casa acabam por terem o carinho do público como uma forma de amparo a esses participantes, foi o que aconteceu com a Juliette Freire, a campeã dessa edição, uma mulher branca e nordestina. Desde a primeira semana a participante foi alvo de ataques por grande parte das 20 pessoas que compuseram a edição de 2021. Ela foi vítima de um processo de exclusão e de alvo de escárnio e risos por conta do seu jeito de falar, o que a deixou muito abalada.

Porém, se ao longo dos três meses de confinamento um participante for bem visto pelo público “do lado de fora”, já será o suficiente para que ele se torne um forte candidato ao prêmio, se não o vencedor. É comum que participantes “alvos” da casa sejam acolhidos pelo público como alguém que precisa de amparo, porque no jogo é

**Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado,  
Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves**

deixado de lado. (SORGINE, 2017, p.29).

O que chama atenção, é o exemplo da edição anterior, onde o participante Alexandre da Silva Santana, o Babu, ator negro, bateu recordes na quantidade de paredões no qual foi indicado e ainda não chegou até a grande final, podendo ser apontado como uma exceção à regra. Babu foi, inclusive, acusado de “vitimismo” e de usar sua baixa condição financeira como mecanismo para ganhar seguidores e conquistar o prêmio. O que nos leva a refletir por que as exceções são pessoas pretas? Por que Babu Santana - que carrega no nome artístico uma resignificação do apelido que lhe deram na infância ao compará-lo a um babuíno - pode ser apontado como alvo na maior parte do programa, não causa uma comoção e empatia por parte do público, como ocorreu com Juliette Freire?

Importante destacar que não estamos discutindo ou colocando em dúvida o mérito da vencedora da edição 21, mas questionando porque pessoas que aparentemente sofrem os mesmos ataques recebem empatia de modo diferente a partir da constituição de seus corpos. Até mesmo Thelminha, anteriormente citada no texto, após receber o prêmio, foi acusada de somente ter sido vencedora por conta de suas amigas brancas que a acompanhavam no Programa.

Algumas questões precisam neste momento serem pontuadas, de modo especial, que negros não formam um bloco uno. A comunidade negra é composta de enorme diversidade, em traços físicos, estética e cultura. O que une grande parte deste público é a violência impetrada pela branquitude e que atinge esses corpos, muitas vezes de maneira letal. É só olhar as estatísticas do Atlas da Violência (2019) para observarmos que existe um perfil de letalidade no Brasil e que são corpos negros que tombam diante da violência do Estado, da mídia e da ausência de saúde em qualidade e quantidade necessária.

De acordo com o Atlas da Violência/IPEA (2019), existe um perfil dos indivíduos com mais probabilidade de morte violenta intencional no Brasil: este perfil é composto por homens jovens, solteiros, negros, com até sete anos de estudo e que estejam na rua nos meses mais quentes do ano entre 18h e 22h. Os homicídios correspondem a 59,1% dos óbitos de homens entre 15 a 19 anos no País. Em 2017, 35.783 jovens de 15 a 29 anos foram mortos, uma taxa de 69,9 homicídios para cada 100 mil jovens, recorde nos últimos 10 anos

De 2007 a 2017, a desigualdade de raça/cor nas mortes violentas acentuou-se no Brasil. A taxa de negros vítimas de homicídio cresceu 33,1%, enquanto a de não negros apresentou um aumento de 3,3%. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídio eram pretas ou pardas.

Achille Mbembe (2016), denominou este processo de necropolítica, isto é: “A morte como exercício final de dominação do poder estatal”. Isto significa que, em vez do estado garantir a vida e a proteção das pessoas, existe um pretexto político para a morte.

A necropolítica pode ser percebida de diversas formas, através do uso do aparato policial ou jurídico contra uma determinada situação, pessoa ou grupo. Também pode ser vista por meio do encarceramento em massa da população negra, bem como pela presença mínima ou ausência de políticas públicas consolidadas. De alguma forma, quando eliminamos corpos pretos do BBB, também contribuímos para suas ausências em outros espaços. As eliminações

destes sujeitos a cada nova semana, imputou à sociedade brasileira a sua própria base racial, que elimina negros das bancadas dos principais telejornais, como protagonistas em programas televisivos.

A sociedade brasileira está acostumada a perceber negros em posições e espaços de subalternidade, quando estes corpos se insurgem contra a estrutura, é relevante que sejam eliminados, seja na música, na dança, nos *realitys*, na política, na escrita, até chegar à eliminação total de seus corpos.

É ainda necessário observar que alguns negros não se reconhecem como tais. Passaram por processos tão intensos de negação de suas origens e ancestralidade que não conseguem mais perceber que seus corpos são muito mais parecidos com os que superlotam o sistema carcerário do país, do que com aqueles que ocupam os gabinetes em Brasília.

Outro ponto relevante é, como seres humanos, negros e negras são passíveis de errar. Negros e negras também estão sujeitos a equívocos e têm o direito a fazer reflexão sobre seus atos, avaliar suas atitudes, pedir desculpas assim como o fazem os brancos e retomar suas vidas sem o risco de sofrerem linchamento virtual ou físico.

Branco agem de forma equivocada há anos e nem por isto correm os riscos do cancelamento na mesma proporção que os negros sofrem. É preciso avaliar a estrutura racial que fomenta a eliminação de corpos negros, sejam na vida real ou em espaços virtuais. Um não está dissociado do outro.

Também é necessário destacar que alguns negros e negras utilizarão os espaços de poder alcançados em benefício próprio, sem pensar na coletividade, sem ter um posicionamento que leve a população a questionar suas práticas racistas ou que invista em uma sociedade livre do racismo.

Outro ponto relevante é que as subcelebridades que ali colocaram seus corpos na arena, não representam o Movimento Negros e suas pautas. O que telespectadores viram no BBB foram corpos negros se movimentando, o que é bem diferente de Movimento Negro. Negros amontoados não é o mesmo que quilombo. Negros participantes de *realitys* não estão lá através do Movimento Negro, mas por uma oportunidade de se tornarem celebridades e conquistarem o prêmio. São trabalhadores a serviço de uma empresa que lucra em cima da sua exploração.

Infelizmente, a todo momento é necessário afirmar que nem todo preto é aliado e nem todo branco é inimigo. Pretos têm vivências, experiência e trajetórias que os diferenciam uns dos outros. Isto faz com que tenham também pensamentos e formas de ser e de viver no mundo. Muitos não conseguem enxergar o racismo e outros os negam veementemente. A figura do famoso capitão do mato, se modernizou e permanece entre nós, mas é necessário compreender que a estrutura que nos alicerça é tão forte que atua não apenas sobre os corpos, mas também sobre a mente das pessoas.

A ideia de que a comunidade negra constitua uma massa uniforme, além de ser um equívoco histórico, dada a diversidade de regiões africanas que foram tomadas pela empresa colonial e escravocrata e ainda pela pluralidade de culturas que está vinculada aos variados povos pretos, é também um mecanismo utilizado pelo racismo. Desejar privar a diversidade destas pessoas, além de se constituir em uma tentativa de retirada da sua humanidade é uma das expressões mais evidentes de manutenção das hierarquias raciais.

Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado,  
Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves

## Conclusão

O BBB 21 deixou enormes lições. Apontou a diversidade de pensamentos e vivência de negros e negras, apontou como o cancelamento atinge de maneira desigual corpos brancos e negros. Destacou como a sociedade pode ser empática com pessoas diferentes, tendo elas cometido atitudes condenáveis de forma similar.

A partir de vários exemplos, podemos perceber que a quantidade de negros que ocupam determinados espaços não faz daquele número um quilombo que distribua afetos e que potencialize os seus. Negros e negras são passíveis de atitudes extremamente reprováveis. Percebemos ainda que o linchamento virtual a que corpos negros estão sujeitos é equivalente às estatísticas de mortes violentas sofridas por membros desta comunidade fora do ambiente virtual.

Tendo em vista estas observações, deixamos aqui algumas pontuações: se você é militante de outras causas que não a pauta racial - aprenda que raça atravessa todas as questões. Nós não queremos dividir movimento, nós queremos que vocês entendam que a raça embasa todas as outras questões, inclusive de gênero e classe.

Se você é artista, estude e empreste sua imagem e capital social e político para ações de enfrentamento a partir do lugar que você ocupa. Ouça o que negros e indígenas têm a dizer sobre a estrutura racial do Brasil.

Se você é político - em vez de apenas se colocar como antirracista, empreste seu capital político para alavancar candidaturas negras. Isto significa que para a construção de uma sociedade democrática, precisamos de alternância de poder, isto perpassa a lógica de abrir mão da própria candidatura e apostar em candidaturas negras.

Se está entre profissionais da medicina, professores universitários, CEOs de empresas, entre outros - comecem a olhar em volta e percebam quantos negros ocupam os mesmos espaços que você. Se fizer isto, perceberá o quanto nossa sociedade é racializada.

Para qualquer pessoa branca em suas relações pessoais, quantos negros frequentam sua casa sem serem seus empregados, quantas crianças negras estudam na mesma escola que seus filhos e filhas, quantos negros são seus amigos. Comece a contar. O enfrentamento ao racismo precisa de ações concretas oriundas de diversas entidades e segmentos. Os brancos construíram as bases discursivas, econômicas e culturais do racismo. Agora, eles têm a responsabilidade de as desconstruir. Lembrando ainda, que o patriarcado tende a atingir de maneira muito mais intensa as mulheres negras, seja em quaisquer espaços em que ela esteja inserida.

As impressões que ficaram do BBB no início do programa, que caminhava para uma edição diversa, que buscava um pouco mais de representatividade acabou se transformando em espaço para diversos debates sociais, onde as pessoas aqui fora perderam, em muitos momentos, senso de responsabilidade e cometeram racismo sem nem mesmo realizar uma reflexão de que poderiam estar reproduzindo práticas que repudiavam. Marcada pelo racismo, xenofobia e homofobia, a edição “mais diversa” do BBB mostrou como o Brasil é um país que pratica crimes todos os dias contra corpos específicos, do povo preto, nordestino e da população LGBTQIA+.

**Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado,  
Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves**



## Referências

CARRA, Thales Andrés. Do mito ao show de realidade: procusto e o Big Brother. **Jornal de Psicanálise**, v. 52, n. 96, p. 213 – 223, 2019.

COSTA, Carmem Lucia. **Gênero e diversidade na escola: espaço e diferença: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero**. Goiânia: Gráfica UFG, 2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios, revista do ppgav/eba/UFRJ**. n. 32, dezembro de 2016.

MINERBO, Marion. Big Brother Brasil, a gladiatura pós-moderna **Psicol. USP**. v. 8, n 1, p. 153 – 158, 2007.

SIMONSEN, Kirsten. 'The Body as Battlefield'. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 25, n. 1, p. 7 - 9, 2000.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de; PINTO, Vagner André Morais. Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)**, v. 11, n.15, p. 185 - 200, 2015.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. *In*: SILVA, Joseli Maria (Org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, pr: Todapalavra, 2009, p. 25 - 53.

SORGINE, Cecília Bittencourt. **Big Brother Brasil: as estratégias narrativas para a construção de heróis e vilões**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

## Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Valdenia Guimarães e Silva Menegon: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Administração do Projeto, Recursos, Validação, Redação, Redação final.

Geyciele Quezia Dourado: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação, Administração do Projeto, Recursos, Redação.

Iasmin Talita Abreu Barros: Conceituação, Curadoria de dados, Investigação, Administração do Projeto, Recursos, Visualização, Redação.

Lígia Emanuela Costa Alves: Conceituação, Análise Formal, Investigação, Administração do Projeto, Recursos, Supervisão, Visualização, Redação.

Recebido em 26 de maio de 2021.

Aceito em 29 de setembro de 2021.

Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado, Iasmin Talita Abreu Barros, Lígia Emanuela Costa Alves

